



I Simpósio Internacional de Comunicação
Social Háptica, Tecnologia Assistiva e
Inclusão

CADERNO DE RESUMOS

2023

CADERNO DE RESUMOS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA, TECNOLOGIA ASSISTIVA E INCLUSÃO

24 de novembro de 2023 (Edição Virtual)

<https://www.even3.com.br/simposiogepticsh/>

Comissão Organizadora do Evento

Dra. Adriana Barroso de Azevedo

Dra. Elaine Gomes Vilela

Me. Wharley dos Santos

Esp. Araçari Salles Teixeira

Esp. João Paulo Navega Roque

Organização do Caderno de Resumos

Me. Wharley dos Santos

Esp. João Paulo Navega Roque

Capa e Diagramação

Me. Wharley dos Santos

Revisão de Provas¹

Esp. João Paulo Navega Roque

Si57a Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assistiva e Inclusão (1. : 2023 : São Bernardo do Campo, SP)

Anais do I Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assistiva e Inclusão, 24 de novembro de 2023: caderno de resumos [recurso eletrônico] / Organização de Adriana Barroso de Azevedo ... [et al.]. São Bernardo do Campo : Universidade Metodista de São Paulo, 2023.

24 p.

ISBN 978-85-7814-512-5

1. Comunicação háptica 2. Surdocegos - Educação 3. Inclusão social - Comunicação 4. Inclusão social (Pessoas com deficiência) 5. Pessoas com deficiência - Acessibilidade I. Vilela, Elaine Gomes II. Santos, Wharley dos III. Teixeira, Araçari Salles IV. Roque, João Paulo Navega V. Título

CDD 371.9



¹ A responsabilidade integral pelo teor final dos resumos apresentados repousa sobre as autoras e autores, sendo este submetido à apreciação e aprovação de suas orientadoras e orientadores. Cabe ressaltar que a Comissão Organizadora do Evento se exime de quaisquer responsabilidades nesse âmbito.

Apresentação |

O livro *Caderno de Resumos do I Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assistiva e Inclusão* é resultado de um encontro histórico e necessário, realizado virtualmente em 24 de novembro de 2023. O evento representa um marco nos debates sobre inclusão, acessibilidade e inovação, com ênfase na surdocegueira e nas múltiplas possibilidades de comunicação sensorial que vêm sendo pesquisadas, experienciadas e transformadas em práticas sociais e políticas públicas. Ao reunir pesquisadores, profissionais da educação, da saúde, da tecnologia, pessoas com deficiência e suas famílias, o simpósio configurou-se como um espaço plural e interseccional de escuta e partilha.

Este caderno de resumos sintetiza a diversidade temática abordada no evento. Mais que um registro técnico-científico, constitui um testemunho das vozes historicamente silenciadas — que agora ganham visibilidade por meio de propostas como a Comunicação Social Háptica, a Libras Tátil e os dispositivos de mediação tecnológica. As conferências e mesas-redondas discutiram desde o reconhecimento legal da surdocegueira como deficiência única — como na Romênia — até os desafios da formação de guias-intérpretes no Brasil.

A seção de pesquisas apresentou experiências singulares, como o uso de mapas acessíveis em RPGs, sistemas de audiodescrição em Libras e a relação entre design tridimensional e comunicação tátil. Essas iniciativas demonstram como a acessibilidade se expande para além do convencional e como a criatividade e a escuta ativa podem transformar realidades. Destaca-se também o uso da *shiatsu* terapia como estratégia de inclusão e bem-estar, bem como as metodologias de comunicação háptica aplicadas à educação, revelando que a inclusão passa pelo corpo, pelo afeto e pela ética do cuidado.

Mais do que relatar um evento, este livro propõe um convite à continuidade do diálogo e à construção de práticas inclusivas. As contribuições aqui reunidas apontam para um futuro em que a diversidade sensorial, linguística e comunicativa seja reconhecida como valor. Que a leitura inspire novas escutas, novas ações e novos compromissos com uma sociedade verdadeiramente acessível.

O I Simpósio é apenas o início de uma rede de encontros que visa fortalecer a pesquisa, a prática e a militância em torno da inclusão comunicacional. Convidamos você a acompanhar os desdobramentos dessa iniciativa, participar dos próximos eventos e somar-se a esse movimento coletivo que busca romper barreiras, ampliar acessos e afirmar, com firmeza, que a comunicação é um direito de todos os corpos. Nos vemos nos próximos encontros.

Wharley dos Santos
João Paulo Navega Roque

Sumário |

CONFERÊNCIA DE ABERTURA: A inclusão de pessoas com surdocegueira em contexto internacional na Romênia.....	5
MESA-REDONDA: A comunicação Social háptica seus desdobramentos e possibilidades	6
MESA-REDONDA: Percepções e experiências de pessoas com surdocegueira	8
MESA-REDONDA: Formação de Guias-Intérpretes no Brasil:.....	10
PALESTRA DE ENCERRAMENTO: Perspectivas de Futuro do Gepicsh	12
COMUNICAÇÕES ORAIS	14
Comunicação Social Háptica para além do Tátil	14
Atendimento de shiatsuterapia por pessoas com deficiência visual para pessoas com surdocegueira: (re)pensando o atendimento humanizado a partir de diferentes formas de comunicação.....	15
Simbologia Cartográfica a prática pedagógica inclusiva: o uso do RPG para pessoas cegas e daltônicas	17
A Importância da Libras Tátil e a Comunicação Social Háptica para pessoas Surdocegas	18
Direito à Educação para a Infância com Surdocegueira Congênita	20
Uma breve revisão sistematica sobre sistemas de comunicação na surdocegueira: apresentando a comunicação social háptica a partir do uso da audiodescrição....	21
Orientação e Mobilidade para Pessoas com Surdocegueira e Comunicação Social Háptica: Considerações Iniciais.....	22
Tradução e Acessibilidade: o projeto de pesquisa sobre a audiodescrição de sinais de Libras.....	23
Design Inclusivo: Tridimensionalidade na Comunicação Háptica.....	24

CONFERÊNCIA DE ABERTURA: A inclusão de pessoas com surdocegueira na Romênia

Dra. Andrea Hathazi²

A palestra destacou os desafios e avanços na inclusão de pessoas surdocegas na Romênia, enfatizando aspectos legislativos, educacionais e sociais. A professora Andrea Hathazi compartilhou sua experiência em intervenção educacional e ressaltou a importância de estratégias inclusivas para melhorar a qualidade de vida e promover autonomia. A inclusão foi apresentada como um processo coletivo, que requer conscientização, mudanças institucionais e colaboração entre profissionais e famílias. A história da surdocegueira na Romênia foi contextualizada, com destaque para figuras importantes que impulsionaram a educação e a evolução do suporte a essa comunidade. A legislação de 2006, que reconheceu a surdocegueira como uma deficiência distinta, foi um marco, trazendo direitos como acessibilidade e intérpretes especializados. No entanto, sua implementação exige currículos adaptados, formações específicas para professores e recursos educativos personalizados. Foram apresentados avanços, como a criação de 64 classes inclusivas e um currículo nacional em 2021, além de iniciativas voltadas à formação profissional de jovens surdocegos, em áreas como jardinagem e culinária. A parceria com as famílias foi destacada como essencial para a transição dos jovens para a vida adulta e para superar desafios na educação e no mercado de trabalho. Por fim, a palestra enfatizou a troca de experiências entre países, o desenvolvimento de materiais acessíveis e a valorização do ambiente de aprendizado construtivo. Também se discutiu a inclusão de surdocegos na universidade, o suporte a diferentes faixas etárias e a importância de continuar promovendo mudanças culturais e institucionais para uma sociedade mais inclusiva.

Link da palestra:
<https://www.youtube.com/watch?v=1D2esPgfjvo&list=PLi7GQPFsnHutmFuwgJveUisi191SX9xkR&index=13>

² Associate Professor at the Special Education Department, Faculty of Psychology and Educational Sciences, Babes-Bolyai University in Cluj-Napoca, Romania.

MESA-REDONDA: A comunicação Social háptica seus desdobramentos e possibilidades

Dra. Riitta Lathnen³

Russ Palmer⁴

Dra. Stina Ojala⁵

Compuseram a mesa a professora Dra. Riitta Lahatinen, pesquisadora e criadora do conceito de comunicação social háptica, vinculada à Universidade de Helsinki, Finlândia, como pesquisadora sênior; o músico e compositor, musicoterapeuta e pesquisador Russ Palmer, pessoa com surdocegueira; e ainda a professora, pesquisadora e intérprete, Dra. Stina Ojala, da Universidade de Turku, também na Finlândia. Riita trouxe um pouco do histórico de como se deu a construção do conceito de comunicação háptica para comunicação social háptica, ao longo dos últimos 30 anos, destacando o papel do Brasil como o segundo país a se colocar à frente no campo da pesquisa e divulgação desse sistema de comunicação. Segundo Riita a primeira fase da pesquisa combinava a prática cotidiana com a pesquisa em si, uma aproximação entre teoria e prática. Apenas 8 anos depois é que vai surgir o termo e conceito de comunicação social háptica, por esta se dar sempre entre duas ou mais pessoas, buscando diferenciar os conceitos de háptico, de exploração háptica. A importância da pesquisa da Dra. Riitta é o entendimento de que o toque no corpo tem sua própria gramática (grafemas e haptemas). Esses aspectos gramaticais seriam a pressão, a direção, a velocidade e a distância háptica. Os primeiros sujeitos a participarem da fase inicial da pesquisa eram todos falantes nativos. Com o tempo o conceito e a metodologia foram se expandindo e hoje se aplicam a pessoas cegas, pessoas com problemas de memória, pessoas em cuidados paliativos, e autistas. A palestrante traz ainda contribuições no campo das pesquisas em roupas inteligentes, que podem representar importante tecnologia assistiva para a autonomia e independência da pessoa com surdocegueira. Em seguida tivemos o musicoterapeuta Russ Palmer que traz a visão do usuário do sistema. Seu trabalho hoje envolve a busca de intérpretes que sejam conhecedores e especializados em música para lhe ajudar em suas pesquisas. Dentre alguns exemplos de sua vida pessoal como usuário da comunicação social háptica, destacou a necessidade e a importância das haptemas em ambientes hospitalares para antecipação de procedimentos como medição de pressão e temperatura. Em seu testemunho Russ afirma que a Comunicação Social Háptica lhe garantiu qualidade de vida e acesso ao mundo. Por fim, a fala da Dra. Stina, que apontou a importância do método que como tal precisa ser aprendido, o que demanda da pessoa com surdocegueira muito esforço e motivação. Para os profissionais da interpretação o método ainda proporciona economia de tempo e esforço, uma vez que elimina a necessidade de constantes repetições da mensagem para que haja uma boa comunicação. Em suas pesquisas Stina aponta a necessidade de se estabelecer perfis de toque para cada cliente. Estes teriam como informações importantes quais as áreas que poderiam ser tocadas no surdocego, quais as haptices utilizadas pela pessoa com surdocegueira a partir do uso do vocabulário do cliente.

³Pesquisadora e criadora do conceito de comunicação social háptica, vinculada à Universidade de Helsinki, Finlândia, como pesquisadora sênior

⁴Músico e compositor, musicoterapeuta e pesquisador, pessoa com surdocegueira.

⁵Musicoterapia vibracional com clientes surdos/deficientes auditivos · Experiência musical e compartilhamento de hápticos musicais · Experiências de arte visual por meio do toque

Para Stina a comunicação social háptica também atende a necessidade dos intérpretes em sua comunicação entre os colegas por serem sinais discretos, silenciosos e que não interferem no que está ocorrendo em volta. O link para a apresentação completa, <https://www.youtube.com/watch?v=yRMzpeE0e7g>, se encontra disponível no YouTube. Recomendamos assistir.

MESA-REDONDA: Percepções e experiências de pessoas com surdocegueira

Janine Pires Faria⁶

Russ Palmer⁷

Shirlei Caetano Pinto Araújo⁸

A mesa abordou diversas experiências e reflexões sobre a inclusão e superação de pessoas com surdocegueira. Contou com especialistas e convidados compartilharam vivências enriquecedoras, destacando suas jornadas pessoais e profissionais. A professora Beatriz Critelli apresentou-se utilizando Libras, e a mesa contou com a participação de pessoas com deficiências auditivas e visuais, como Janine Pires Faria, representante da Associação Brasileira de Surdocegos, e Russ Palmer, um musicoterapeuta que faz uso da comunicação social háptica, ilustrando a diversidade das experiências relatadas.

Uma das histórias apresentadas foi a de Janine Pires Faria, surdocega que destacou sua trajetória de aprendizado, superação e inclusão. Ela descreveu como começou a aprender sinais junto a pessoas surdas, o que foi fundamental para sua integração social e educacional. Durante sua formação, enfrentou desafios como a ausência de intérpretes e precisou da ajuda da mãe para garantir um ensino acessível. Apesar das dificuldades, concluiu o magistério, superou os obstáculos do ENEM e ingressou na UNEB, celebrando essa conquista com o apoio da tecnologia.

Janine é pedagoga surdocega, compartilhou sua experiência de trabalhar com alfabetização para pessoas com surdocegueira, destacando sua pesquisa pioneira na área. Ela utilizou métodos qualitativos e revisões bibliográficas para investigar formas de tornar o ensino mais acessível.

Também foi apresentada a história da surdocega Shirley Caetano, que após enfrentar dificuldades financeiras e perda gradual da visão, encontrou na dança uma forma de se reerguer. Além de explorar atividades como dança do ventre e artesanato, ela buscou retomar os estudos e fortalecer sua conexão espiritual, o que a ajudou a enfrentar as desigualdades sociais e a se reaproximar do marido.

A mesa ainda abordou a importância da música como ferramenta de expressão e superação. Russ relatou como utiliza dispositivos para sentir vibrações musicais, conectando-se à música de forma sensorial. Ele destacou a relevância de materiais e ressonância no aprendizado e execução musical, além de compartilhar influências de estilos clássicos, como os Beatles, na sua jornada artística.

Por fim, os participantes discutiram a necessidade de superar visões ableistas, enfatizando que as pessoas com deficiência não são "coitadinhas", mas sim indivíduos ativos e produtivos, capazes de viver de forma plena. O evento foi marcado por reflexões profundas, apresentações emocionantes e o reconhecimento da importância de transformar a terminologia e mentalidade sobre deficiência.

⁶ Pedagoga surdocega forma pela UNEB.

⁷ Doutor e Musicoterapeuta surdocego. Reside na Finlândia e é casado com Riitta Lahtinen (criadora da Comunicação Social Háptica na Finlândia e expansão para as demais localidades).

⁸ Pessoa com surdocegueira.

Link

da

mesa:

<https://www.youtube.com/watch?v=NCTTT8uyOjg&list=PLi7GQPFsnHutmFuwgJveUisi191SX9xkR&index=10>

MESA-REDONDA: Formação de Guias-Intérpretes no Brasil: perspectivas e desafios

Alex Sandro Lins⁹
Elaine Gomes Vilela¹⁰
Pedro Witches¹¹
Shirley Rodrigues Maia¹²

A mesa contou com a apresentação de Alex Sandro Lins e as falas da professora Dra. Elaine Gomes Vilela, professora Dra. Shirley Rodrigues Maia e o professor Dr. Pedro Witches.

A professora Dra. Elaine Gomes Vilela retrata na sua fala que, na formação de guias-intérpretes encontramos muitos desafios que se colocam à nossa frente. Ela compartilha, através de sua experiência enquanto pesquisadora, a experiência do curso de pesquisa formação realizado que deu origem a tese do seu doutorado em educação.

O curso fora projetado para complementar a formação de profissionais guias-intérpretes para o uso da comunicação social háptica, pois mensurava-se que estes já possuíam uma base teórica e já atuavam na área da surdocegueira. A comunicação háptica tem sido divulgada no Brasil por meio de curso livre de técnicas de guia- interpretação e os materiais de referência são Vilela (2018-2020) e Araújo (2019), partindo das vertentes da Noruega em seu uso como complemento. Já a comunicação social háptica tem sido desenvolvida a partir de encontros de pesquisa do GEPICSH (Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Comunicação Social Háptica).

No entanto, embora a proposta do curso tivesse ampla divulgação em grupos de WhatsApp de profissionais habilitados, houve baixa adesão de interessados. Por fim,

⁹ Professor Licenciado para atuação na Educação Básica pelo Instituto de Educação Clélia Nanci (2014), Graduando do Curso de Pedagogia na UFF - Universidade Federal Fluminense (2015) Graduando de Letras-Libras (Bacharelado) no Centro Universitário Leonardo da Vinci e aluno do Programa de Altos Estudos do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Biotecnologia (PPBI/UFF) em interação com a FIOCRUZ. Formação Especializada em Educação Especial, com ênfase em Libras, Políticas Públicas Inclusivas e Altas Habilidades/Superdotação. Guia-Intérprete para pessoas com surdocegueira (AHIMSA/SP) e Audiodescritor com formação em imagens estáticas e dinâmicas (Pontuale/SP).

¹⁰ Doutora em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (2022), Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (2018). Especialização em Docência do Ensino Superior (2015), Especialização em Tradução e Interpretação Libras/Português (2014) ambas pela Universidade Camilo Castelo Branco. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo (2009)..

¹¹ Doutor e mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), licenciado em Ciências Biológicas pela mesma instituição. Realizou estágio doutoral na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). Possui formação complementar em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). É professor adjunto do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde atua como docente do Curso de Graduação em Letras-Libras - Bacharelado em Tradução e Interpretação e como professor permanente da linha de pesquisa em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL).

¹² Possui graduação em Pedagogia - Faculdades Metropolitanas Unidas (1983), mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2004) e doutorado em Psicologia da Educação pela Universidade de São Paulo (2011). Pós Doutorado na Universidade Federal de São Carlos 2017-2018 pesquisa A elaboração de um Guia de orientação e mobilidade para crianças com surdocegueira e crianças com deficiência múltipla sensorial usarias de cadeira de rodas Atualmente Sócia fundadora da Ahimsa Associação Educacional Para Múltipla Deficiência e Diretora educacional, assessora técnica - Christopher Blind Mission, assessora técnica - Perkins School for the Blind.

grande parte dos cursistas não possuíam formação na área, mas estavam em contato constante com pessoas com surdocegueira, sendo familiares e amigos deles.

Dentre os aspectos abordados no curso, discutimos sobre o que é ser o guia-intérprete e sua atuação. Nessa perspectiva apontamos três segmentos: ad hoc (amigos e familiares), formados com curso de capacitação para atuação teórica e prática, e formados com curso de capacitação, porém sem experiências práticas.

O ato de interpretar envolve um minucioso processo de apropriação de saberes teóricos e comunicacionais e estratégias práticas no intuito de consolidar as informações transmitidas para a pessoa com surdocegueira. Nesse sentido os participantes do curso puderam desenvolver estratégias de comunicação partindo do háptico.

O processo de reconhecimento da profissão por meio do PL 5614/2020, que altera o texto da lei 12.319/2010 regulamenta a profissão de Guia-Intérprete e estimula o processo de formação a nível de graduação, neste sentido, os cursos de formação (Letras-Libras), precisam ser reestruturados no intuito de suprir as características e formas de comunicação na surdocegueira. Propomos a utilização do termo Tradutores Guias-Intérpretes de Libras-português para caracterizar esse profissional.

O encontro e o estar junto ao surdocego possibilita a emancipação do mesmo e a construção de pilares que propõem a profissionalização do guia-intérprete.

A professora Dra. Shirley Rodrigues Maia, compartilha sua trajetória dentro da temática da surdocegueira no Brasil. Autora de diversos livros sobre o tema, alguns deles que são base para a criação de políticas públicas voltadas para a comunidade surdocega. A professora pertence ao Grupo Brasil, AHIMSA, instituição responsável pelos cursos de formação de guias-intérpretes e mediadores. A formação oferecida pela instituição é a única no contexto brasileiro.

Para se inteirar da mesa-redonda na íntegra, basta acessar a gravação do evento na plataforma do YouTube. Link da mesa: <https://www.youtube.com/watch?v=tUBtWqjLJ6c&list=PLi7GQPFsnHutmFuwgJveUisI191SX9xkR&index=11>

PALESTRA DE ENCERRAMENTO: Perspectivas de Futuro do Gepicsh

Adriana Barroso de Azevedo¹³
Elaine Gomes Vilela

A palestra destacou que as perspectivas futuras do GEPICSH (Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão, Comunicação e Surdocegueira Humana) são amplas e visam um impacto significativo na sociedade. Essas pretensões são construídas de maneira coletiva, fundamentadas nas percepções e no compartilhamento de experiências e narrativas de diversos atores sociais, incluindo profissionais da área de inclusão, pesquisadores, professores e pessoas surdocegas. A diversidade desses olhares contribui para a riqueza do debate e para a construção de estratégias que atendam às reais necessidades de quem enfrenta desafios no acesso à comunicação e à interação com o mundo.

Um dos pilares do GEPICSH é o desenvolvimento de possibilidades de estudo e aprofundamento que vão além da teoria, traduzindo-se em ações concretas. O grupo promove encontros mensais que servem como espaços de troca e reflexão, nos quais seus integrantes se comprometem a pensar na inclusão de forma ampla. Esse compromisso abrange não apenas pessoas surdocegas, mas também todos aqueles que encontram barreiras para ver, ouvir, falar e sentir por meio do corpo. Esse trabalho coletivo reforça a importância de uma inclusão sensorial e comunicativa, onde as limitações são superadas por meio de recursos criativos, tecnológicos e humanos.

No que diz respeito à construção da identidade comunicativa, o GEPICSH parte de uma premissa fundamental: a comunicação social háptica (CSH) deve ser desenvolvida de maneira que transcenda a funcionalidade básica, adquirindo status de língua. Esse objetivo envolve a ampliação de elementos gramaticais específicos, moldados a partir da riqueza da cultura brasileira. Essa abordagem não apenas promove a valorização cultural, mas também assegura que a CSH ganhe reconhecimento e respeito enquanto ferramenta legítima de expressão e interação social e alcance o status linguístico.

Além disso, o GEPICSH entende que a inclusão é um processo contínuo que demanda não só ações práticas, mas também mudanças profundas na forma como a sociedade percebe a CSH e as pessoas com surdocegueira. Essa transformação requer esforços coordenados em diferentes esferas, como a educação, a saúde, o trabalho e a convivência social. O grupo se dedica a desenvolver iniciativas que sensibilizem a sociedade, mostrando que a inclusão não é apenas um ato de responsabilidade, mas também uma oportunidade de crescimento coletivo.

Por fim, a palestra é concluída com o desejo de que cada leitor não apenas aprecie o trabalho realizado pelo GEPICSH, mas também se sinta inspirado a apoiar e divulgar

¹³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1993), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1997) e doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2002), pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015). Atualmente é professora titular no PPGE da Universidade Metodista de São Paulo e professora convidada no PPGE da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. É diretora Nacional de Educação da Rede Metodista de Educação. Tem experiência na área de Educação, é pesquisadora Narrativa atuando principalmente nos seguintes temas: educação a distância, educação básica, educação inclusiva, tecnologias digitais de informação e comunicação e epistemologia da pesquisa narrativa.

este projeto. Acredita-se que, com o engajamento e a colaboração de mais pessoas, podemos expandir o alcance de nossas ações e contribuir significativamente para a vida de muitos indivíduos. Este é um chamado para que, juntos, possamos transformar as ideias em práticas e criar um futuro em que a inclusão seja uma realidade para todos.

COMUNICAÇÕES ORAIS

Comunicação Social Háptica para além do Tátil

Lucimar Bizio¹⁴

A Comunicação Social Háptica nos desafia a estudarmos o papel linguístico presente em uma comunicação que está na língua de sinais tátil, mas que pode acontecer além do toque, de forma simultânea ou não durante a comunicação. Os efeitos de determinadas privações sensoriais convocam o corpo para uma discussão de ordem linguística, e não biológica apenas, ideia essa abandonada por Freud. A teoria saussuriana mostra as leis universais da língua, as dicotomias, tais como o significante, como a imagem acústica produzida, que aqui temos o tátil e o significado, voltado ao psíquico. Um toque háptico fica limitado ao campo da comunicação, ou nos desafia a pensarmos além do tátil. Vilela (2022) é uma pesquisadora que enfrenta determinadas questões iniciais que nos levam a discutir o que há nesta comunicação: um complemento, uma linguagem ou podemos buscar o status nesta relação surdocego e tátil, onde está presente o corpo, tomado, aqui, pela visada freudiana, que abandona o biológico e o insere em uma relação com o inconsciente. Bezerra (2016) propõe deslocar o olhar do surdocego, presente no senso comum, que se limita à imperfeição sensorial e das marcas do real do corpo, para refletir aspectos essenciais sobre a singularidade do sujeito, dentro do campo psicanalítico. De Lemos (1992; 2003) discute a cisão do corpo biológico, epistêmico, psicológico para o corpo pulsional, tomado pelos desejos, atravessado pelo linguístico, o que se inscreve, as marcas constituídas, na relação que inicia com o Outro-materno. As imagens inconscientes ditas por Freud, que relaciona corpo e linguagem desde a infância, além de várias questões, têm algo do linguístico a ser pesquisado e refletido pela comunicação háptica. Lacan (1975) assegura que o sujeito não se define pelo corpo, aqui, pelo toque linguístico de um sinal háptico. Em meio às questões importantes de sexualidade, do campo do desejo, prazer, do biológico, nosso recorte está no linguístico, para refletirmos se estamos diante de uma comunicação ou uma língua háptica? O sujeito surdo é capturado pela sinalização háptica. Tudo isso nos leva aos primeiros apontamentos e reflexões, dentro da surdocegueira, sobre esse tema desafiante que é a relação corpo-inconsciente-comunicação-língua Háptica.

Palavras-Chave: Surdocegueira, Língua, Comunicação Háptica, Inconsciente, Sinal Háptico.

¹⁴ Email: prbizio@yahoo.com.br.

Atendimento de shiatsuterapia por pessoas com deficiência visual para pessoas com surdocegueira: (re)pensando o atendimento humanizado a partir de diferentes formas de comunicação

Thaís Ferreira Bigate¹⁵
Mércia Ferreira de Souza¹⁶

A surdocegueira é uma deficiência única caracterizada pela perda concomitante da visão e da audição. O período de aquisição e o comprometimento sensorial em diferentes graus são os principais fatores que determinarão a forma de comunicação empregada por esses sujeitos para se comunicarem com o mundo a sua volta. As pessoas com surdocegueira matriculados no programa de reabilitação do Instituto Benjamin Constant (IBC) são acompanhadas por profissionais do Núcleo de Atendimento Educacional à Pessoa com Surdocegueira (NAEPS), que realizam adaptações e atendimentos considerando as especificidades desse público e acessibilizando sua participação em várias atividades da instituição. Uma delas é a terapia por shiatsu (ou shiatsuterapia), técnica de massagem Japonesa. O Shiatsu Tradicional, idealizado pelo médico Namikoshi, tem origem na massagem praticada na China – Medicina Tradicional Chinesa (MTC). O shiatsu tradicional é executado com o paciente deitado em uma maca ou no tatame. O terapeuta utiliza manipulações corporais com seus polegares, mãos e cotovelos, em trajetórias delimitadas em todo o corpo humano chamadas de canais e colaterais. Estes assemelham-se a uma malha circulatória que interliga todas as regiões em profundidade, extremidades, lateralidades e na relação entre tecidos, consolidando a unidade corporal. A teoria da MTC afirma que por eles circula a energia vital (Qi) e sangue (Xue), que mantém ou restaura o equilíbrio interno entre duas energias opostas e complementares – Yin e Yang. A finalidade básica das manipulações do shiatsu é colocar em harmonia o organismo, propiciando o equilíbrio dessas energias. Para isso, é indispensável a “liberação” dos canais energéticos, caso haja obstrução, fazendo circular a energia e o sangue. A terapia por shiatsu é realizada por estagiários do curso de massoterapia do IBC. Em 1987, foi criado o curso de qualificação em massoterapia com reconhecimento pela Secretaria do Estado do Rio de Janeiro (RJ), oferecido pela Divisão de Reabilitação, Preparação para o Trabalho e Encaminhamento Profissional (DRT). Pioneiro no Brasil, já inseriu diversos profissionais no mercado de trabalho. Os discentes da massoterapia realizam seu estágio em um dos ambulatórios da instituição e tem como clientela toda a comunidade do IBC: todos os profissionais, alunos e familiares, com técnicas do eixo oriental e ocidental. Nesse contexto, os alunos surdocegos suscitam interesses, desafios e resultados não antes vislumbrados ao serem atendidos no ambulatório de Shiatsu. O atendimento dos surdocegos é realizado pelos estagiários e é mediado por uma professora mediadora ou uma intérprete de Libras. Para tanto, são estabelecidos códigos de comunicação para comandos objetivos e informar a sensibilidade dolorosa do aluno com surdocegueira. Considerando o contexto explicitado, o objetivo deste relato é: (I) mostrar como é o trabalho colaborativo desenvolvido por professora do curso de massoterapia, estagiários e professora do NAEPS no atendimento de shiatsuterapia para pessoas com surdocegueira e (II) apresentar as formas de comunicação empregadas durante esse processo. Concluiu-

¹⁵ Email: thaisbigate@yahoo.com.br.

¹⁶ Email: merciafs@terra.com.br.

se que é possível que pessoas com deficiência visual realizem o atendimento de shiatsu em sujeitos com surdocegueira, mediante a criação de códigos de comunicação pré-estabelecidos e/ou a mediação de pessoas que dominem a forma de comunicação do surdocego.

Palavras-Chave: Shiatsu; Dupla Deficiência Sensorial; Comunicação Não Verbal; Instituto Benjamin Constant.

Simbologia Cartográfica a prática pedagógica inclusiva: o uso do RPG para pessoas cegas e daltônicas

Kimberly Lopes Trindade de Lima¹⁷
Prof. Dr. Reginaldo Aparecido Silva

Há séculos, o mapa tem se destacado como um eficaz instrumento de comunicação e aprendizado, utilizado pelos gregos desde o século VI a.C. em expedições militares e navegações. No século XVI, o primeiro atlas da história moderna surgiu, ressaltando o papel fundamental dos mapas ao empregar simbologia cartográfica para compreender territórios e terrenos. A simbologia cartográfica também encontrou ampla aplicação em cartas náuticas do mesmo período, enriquecendo o conhecimento sobre a história e formação de territórios. Essa simbologia é essencial nos Role-Playing Games (RPG), nos quais os jogadores, por meio de papel e caneta, embarcam em aventuras por um mundo fantástico, assumindo a identidade de personagens com emoções e habilidades distintas, tudo representado em um mapa. Essa experiência lúdica oferece uma imersão singular no contexto do RPG. Apesar da importância da cartografia na disseminação de informações e sabedoria sobre o espaço geográfico, ainda enfrentamos desafios para facilitar o acesso a mapas por parte de cegos e daltônicos. O artigo apresenta um projeto inovador em Engenharia de Agrimensura e Cartografia, com o objetivo de promover a inclusão social no RPG. Através de um mapa com informações reais, inspirado nos modelos antigos, o projeto busca levar conhecimento e diversão a todos, independentemente de suas limitações. Ao repensar a educação de qualidade, partido do pressuposto de que todos, independentemente de suas diferenças, têm direito à acessibilidade a conteúdos instrutivos e informações vitais, é possível promover, por meio de pesquisas e fomentos, recursos didáticos, lúdicos e essenciais à locomoção, à comunicação bem como da compreensão das pessoas com necessidades específicas. Assim, conclui-se que essa produção, mesmo no prelo, não apenas abre portas à inclusão de pessoas com necessidades específicas, mas também enfatiza a importância de assegurar, com qualidade, estratégias metodológicas e pedagógicas, a fim de garantir experiências significativas e enriquecedoras, a todo sujeito aprendiz, com o pleno compromisso ético de promover o ensino e aprendizado, na perspectiva da educação democrática, acessível e menos excludente.

Palavras-Chave: Acessibilidade, Daltonismo, Cego, Educação Inclusiva, Jogos de tabuleiro.

¹⁷ Email: kimberly.lima@alunos.ifsuldeminas.edu.br.

A Importância da Libras Tátil e a Comunicação Social Háptica para pessoas Surdocegas

Lisley Cristina Da Luz¹⁸
Ana Sara Tomé Borges¹⁹
Anderson Claiton De Miranda²⁰
Prof. Dr. Bruno Pereira Garcês

Neste resumo, destacamos a importância da comunicação para pessoas surdocegas, que se dividem em dois grupos: congênitas, que nascem com a deficiência, e adquiridas, que desenvolvem a surdocegueira ao longo da vida (Grupo Brasil, 2017). Abordamos a relevância da Libras Tátil, uma modalidade que estabelece conexão tátil e fornece acesso à informação. A Libras Tátil é fundamental para pessoas surdocegas que utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e permite uma experiência tátil com a mediação do Guia-Intérprete. Podemos exemplificar sobre a Libras Tátil em que se estabelece uma conexão na modalidade tátil, trata-se de elementos fundamentais para garantir que pessoas surdocegas tenham acesso a comunicação, conforme o autor Álvarez Reyes (2004 p. 20) disserta que: "Tudo isso está intimamente ligado à necessidade da pessoa surdocega de acessar o mundo ao seu redor, de saber o que está acontecendo ao seu redor. Você pode tocar objetos e coisas e obter informações diretamente". Além disso, enfatizamos a importância da família e do convívio social no aprendizado desse novo sistema de comunicação baseado no tato. A utilização da Libras Tátil abre caminhos para o acesso mais rápido e direto à informação, resultando em novas habilidades comunicacionais e autonomia para as pessoas surdocegas. Também abordamos a Comunicação Social Háptica, uma comunicação complementar para pessoas surdocegas, que inclui a criação de sinais hápticos para facilitar a interação. Essa forma de comunicação complementa a compreensão de informações visuais e sensações físicas, sendo particularmente útil em ambientes como o teatro, onde os Guia-Intérpretes utilizam sinais hápticos nas costas para transmitir movimentos e posições dos artistas no palco. Todavia, essas informações chegam de forma simultaneamente, à pessoa surdocega e outros sinais hápticos poderão ser representadas em outras partes do corpo, conforme a sensibilidade individual de cada pessoa (Araújo, Júnior 2014). Ao falar sobre a Comunicação Social Háptica, percebemos que ela é uma comunicação utilizada por pessoas surdocegas e que a partir dessas experiências, pessoas surdocegas terão a representação imagética e maior compreensão e intensidade dos acontecimentos do ambiente. Essas experiências poderão desenvolver e despertar maior sensibilidade em que a partir dos sentidos remanescentes e se apropriar da comunicação social háptica. A autora Vilela (2022. p. 93) discorre que: "As pessoas com surdocegueira de posse da comunicação social háptica, por sua vez, expandem essa comunicação com a criação de sinais hápticos que favorecem a própria interação". A ascensão das informações visuais e das expressões que envolvem o sentido do tato, como as sensações físicas por meio da comunicação social háptica, podem contribuir para receber e transmitir mensagem/informações as pessoas surdocegas. No Brasil, observamos que poucas pessoas surdocegas utilizam a comunicação háptica. No entanto, é evidente uma

¹⁸ Email: lisley.surdo@gmail.com.

¹⁹ Email: anasaratome03@gmail.com.

²⁰ Email: claitondemirandaanderson@gmail.com.

divulgação ampla, dada a importância desta forma de comunicação complementar para outras pessoas surdocegas. Em resumo, tanto a Libras Tátil quanto a Comunicação Social Háptica é possível transpor barreiras comunicacionais e ampliar possibilidades de acesso à informação, interação social, como também acessibilidade e qualidade tátil as pessoas surdocegas por meio da Libras Tátil e dos sinais hápticos – Comunicação Social Háptica.

Palavras-Chave: Pessoas surdocegas; Formas de Comunicação por Surdocegos; Percepção Sensorial Tátil.

Este trabalho tem como objetivo apresentar o cenário do processo de ensino-aprendizagem da infância em situação de surdocegueira congênita, caracterizando o direito à educação dessas crianças. Utilizou-se como metodologia de pesquisa uma abordagem qualitativa que envolve a pesquisa bibliográfica e documental com os seguintes descritores: políticas públicas, inclusão educacional, surdocegueira e infância. A pessoa com surdocegueira apresenta aspectos singulares que se constituem como graves desafios para a comunicação, que corresponde a um fator essencial para a interação social, para o processo de ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento global da criança. Existe invisibilização deste público a partir de informações restritas e com a subnotificação dos casos no Brasil, o que ocasiona um reflexo na formulação de programas e políticas públicas específicas para esta condição. Existem marcos internacionais que lançam diretrizes para a formulação de leis e ações para a inclusão de pessoas com deficiência em todo globo, como a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (1975), a Convenção sobre a Reabilitação Profissional e Emprego de Pessoas Deficientes (1983), a Declaração de Salamanca (1994), a Carta para o Terceiro Mundo (1999), a Convenção de Guatemala (1999), a Declaração Internacional de Montreal sobre Inclusão (2001), a Convenção de Nova York (2007) e a Agenda 2030 – Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (2017). Em âmbito nacional, apontam-se alguns marcos legais que representam a garantia do direito de todos à educação, como a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei Brasileira de Inclusão (2015). Apresenta-se ainda a Lei 14.605, de 20 de junho de 2023, que instituiu o Dia Nacional da Pessoa com Surdocegueira, que visa a ampliação dos debates para a constituição de medidas de atenção a esta condição única e suas necessidades específicas. Como considerações finais aponta a necessidade de investimento em políticas públicas de educação e saúde voltadas à prevenção da deficiência, à intervenção precoce e ao cuidado para evitar-se o surgimento de deficiências secundárias. Estas medidas representam garantias de melhoria de qualidade de vida deste grupo minorizado e suas famílias, bem como a redução dos custos provocados pela ausência de autonomia e o isolamento das pessoas com deficiência, como o agravamento de questões de saúde biopsicossocial.

Palavras-Chave: Direitos humanos, educação inclusiva, surdocegueira, infância.

²¹ Email: lumatsushita@terra.com.br.

Uma breve Revisão Sistemática sobre Sistemas de comunicação na Surdocegueira: apresentando a Comunicação Social Háptica a partir do uso da Audiodescrição

Adriana Da Paixão Santos²²
Prof. Dra. Márcia Noronha de Mello

Num mundo dominado por imagens e sons da vida cotidiana, é fácil dar como certo o simples ato de comunicação. No entanto, para a comunidade surdocega, este aspecto fundamental da conexão humana assume uma dimensão totalmente diferente. Os indivíduos surdocegos enfrentam o desafio único de navegar numa vida onde os canais convencionais de comunicação – visão e audição – são limitados ou inexistentes. No Brasil, como em muitas partes do mundo, um grupo dedicado de profissionais, conhecidos como guias-intérpretes, emergiu como canais de conexão indispensáveis, permitindo que indivíduos com surdocegueira se comuniquem, acessem informações e se envolvam com seu ambiente. Esta pesquisa tem por objetivo apresentar uma revisão sistemática de estudos sobre os sistemas de comunicação mais utilizados para o estabelecimento de comunicação da pessoa surdocega com o mundo sob o viés da tecnologia assistiva e audiodescrição. Optou-se, então, por selecionar publicações nacionais e internacionais, que focassem na formação de guias-intérpretes e como eles aprendem e utilizam tais sistemas no atendimento de pessoas surdocegas. Foram consultados artigos publicados em periódicos online, livros sobre surdocegueira e material didático referente à formação de guias-intérpretes. Foram selecionadas publicações dos últimos quinze anos, ou seja, de 2008 a 2023. Os critérios de seleção foram compostos por termos como: deficiência múltipla sensorial, surdocegueira, sistemas de comunicação, comunicação social háptica, guia-intérprete e audiodescrição. Após a seleção, os autores mais presentes na pesquisa foram aqueles que apresentam uma rica base na pesquisa, formação profissional e atendimentos relacionados à surdocegueira. A revisão possibilitou, portanto, a análise da formação de guias-intérpretes para a aprendizagem e posterior ensino de sistemas de comunicação adequados a cada indivíduo com esta especificidade. Os estudos indicaram a ausência do uso da audiodescrição nessa formação, que poderia auxiliar o sujeito surdocego a construir seu repertório cognitivo, abrangendo aspectos linguísticos e a formação de conceitos de modo autônomo. Conclui-se que se faz necessário reavaliar as formações continuadas para guias-intérpretes, a fim de oferecer às pessoas com surdocegueira mais uma estratégia de apreensão e formação de conceitos.

Palavras-Chave: Surdocegueira; Guia-intérprete; Sistemas de comunicação; Comunicação social háptica; Audiodescrição.

²² Email: adrianasantos20@gmail.com.

Orientação e Mobilidade para Pessoas com Surdocegueira e Comunicação Social Háptica: Considerações Iniciais

Thaís Ferreira Bigate²³

Vanessa Rocha Zardini Nakajima²⁴

Thiago Parreira Sardenberg Soares²⁵

A surdocegueira caracteriza-se como uma dupla privação sensorial, sendo considerada uma deficiência única. O comprometimento concomitante da visão e audição, em diferentes graus, ocasiona prejuízos na comunicação, na Orientação e Mobilidade e no acesso à informação das pessoas com surdocegueira. A Orientação e Mobilidade é um conjunto de técnicas utilizadas pelas pessoas com deficiência visual (cegueira ou baixa visão) ou com surdocegueira, para se locomoverem com independência, autonomia e segurança, resguardadas as especificidades de cada caso, em ambientes internos e externos, utilizando os sentidos remanescentes, incluindo os resíduos visual e auditivo, caso haja, as pistas sensoriais e os pontos de referência presentes no ambiente. A Comunicação Social Háptica, utilizada no Brasil há cerca de uma década, é um sistema de comunicação, com o intuito de transmitir informações sobre o ambiente e o feedback emocional do interlocutor, auxiliando a pessoa que a utiliza a entender o que acontece ao seu redor. Essa compreensão do ambiente é fundamental para que a pessoa com surdocegueira se locomova de modo orientado. Tanto a Orientação e Mobilidade quanto a Comunicação Social Háptica podem ser definidas como Tecnologia Assistiva, possibilitando a atividade e participação da pessoa com deficiência em diferentes contextos. Considerando a heterogeneidade da população com surdocegueira e a singularidade de cada sujeito, o objetivo deste trabalho é: (I) apresentar como é desenvolvido o programa de Orientação e Mobilidade no Núcleo de Atendimento Educacional à Pessoa com Surdocegueira no Instituto Benjamin Constant, primeira escola para pessoas com deficiência visual da América Latina e primeiro serviço no estado do Rio de Janeiro para pessoas com surdocegueira, datados de 1854 e 1993, respectivamente e (II) discutir aproximações entre a Orientação e Mobilidade para pessoas com surdocegueira e a Comunicação Social Háptica a partir do relato de caso de dois reabilitandos atendidos no Núcleo. Concluiu-se que a Comunicação Social Háptica pode e dever ser mais uma forma de comunicação utilizada no treinamento de Orientação e Mobilidade, pois permite a pessoa com surdocegueira acesso e complemento de informações que ela não teria, caso não utilizasse esse recurso de Comunicação Alternativa. Observamos melhoras na comunicação entre o professor de Orientação e Mobilidade e os reabilitandos surdocegos, agilizando explicações que são complexas e que dificilmente seriam compreendidas pelo sujeito por meio da fala ampliada, para o reabilitando que ainda apresenta resíduo auditivo, principalmente em ambientes externos, devido aos inúmeros ruídos presentes.

Palavras-Chave: Orientação e Mobilidade; Dupla Deficiência Sensorial; Comunicação Não Verbal; Instituto Benjamin Constant.

²³ Email: thaisbigate@yahoo.com.br.

²⁴ Email: vanessazardini@ibc.gov.br.

²⁵ Email: tsardenberg@gmail.com.

Tradução e Acessibilidade: o projeto de pesquisa sobre a audiodescrição de sinais de Libras

Camila Santos de Jesus²⁶

Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva²⁷

A audiodescrição (AD) é uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica que traduz imagens em palavras e tem como público primário pessoas cegas ou com baixa visão, para as quais esse recurso é fonte não somente de conhecimento, mas também de lazer. No entanto, o público em potencial da ferramenta é muito maior, pois a AD traz benefícios, ainda, para autistas e surdocegos, bem como para indivíduos sem qualquer deficiência, a exemplo de idosos, crianças em fase de alfabetização e estrangeiros aprendendo uma nova língua. Por mais que o interesse pela área seja crescente e que tal mecanismo seja, hoje, assegurado por diversos aparatos legais, há muito a ser feito em termos de pesquisa, especialmente no que tange à descrição de sinais em Língua Brasileira de Sinais (Libras), aspecto, até o momento, não formalmente investigado e carente de diretrizes específicas. É nesse cenário que o grupo de pesquisa Tradução e Acessibilidade (TrAce) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) decidiu estudar a questão. Logo, a presente comunicação objetiva apresentar o projeto desenvolvido pelo grupo no qual se investiga a AD de Libras a fim de delinear parâmetros para a elaboração de descrições que possam atender às necessidades e preferências do seu público-alvo. O estudo, coordenado pela Profa. Dra. Manoela Cristina da Silva e dividido em três etapas, conta com uma equipe formada por intérpretes, que gravam vídeos de sinais em Libras e dão orientações sobre a sinalização; alunas de graduação em Letras, responsáveis pela descrição dos sinais sob supervisão da coordenadora; e pessoas com deficiência visual, as quais atuam como consultores em AD. Neste momento, a segunda fase do projeto, aquela que se debruçou sobre sinais do tipo “comuns”, foi encerrada. Nesta comunicação, portanto, serão apresentados os resultados parciais dessa fase, inclusive o sinal em Libras criado para o grupo e sua audiodescrição. Com esse projeto, o TrAce espera contribuir para a causa da inclusão, aprimorando recursos de acessibilidade que possam transformar diferentes contextos em espaços verdadeiramente inclusivos para todos.

Palavras-Chave: Tradução Audiovisual Acessível; Audiodescrição; Libras.

²⁶ Email: sants15camila@gmail.com.

²⁷ Email: penteacher2@yahoo.com.br.

Design Inclusivo: Tridimensionalidade na Comunicação Háptica para Surdocegos

Rodrigo Rodrigues Machado²⁸
Prof. Dra. Ana Claudia Maynardes

Partindo da premissa que a pessoa com surdocegueira recebe a informação por meio do toque, vagarosamente a comunicação háptica vem se tornando conhecida no Brasil. A comunicação háptica é uma forma de comunicação que envolve o uso do sentido do tato para transmitir informações ou sentimentos de uma pessoa para outra. Ela se baseia na ideia de que o toque e os estímulos táteis podem ser usados para comunicar uma variedade de mensagens, emoções e sensações. No cenário atual voltado para o contexto das pesquisas científicas relacionadas a interrelação entre essa forma de comunicação e o público-alvo, muito pouco tem sido produzido e abordado, de acordo com as plataformas SCOPUS e WEB OF SCIENCE. Com isso, este projeto que faz parte da linha de pesquisa Design, Cultura e Materialidade no campo de estudo do Design Inclusivo. Tem como objetivo analisar as características tridimensionais do sistema de comunicação háptica em relação à Libras tátil, a fim de facilitar a comunicação de pessoas surdocegas complementando as informações por meio de descrições utilizadas neste formato de comunicação. A metodologia de pesquisa proposta é de natureza aplicada, com o objetivo de aprimorar a comunicação de pessoas surdocegas, analisando os atributos tridimensionais do sistema de comunicação háptica em relação à Libras tátil. A pesquisa proposta utilizará uma abordagem qualitativa para analisar o uso da Libras tátil e da comunicação háptica na prática de guia-interpretação, bem como seus fatores, obstáculos e limitações no uso. O foco é identificar características tridimensionais relevantes para aprimorar a eficácia dessas ferramentas na comunicação com pessoas surdocegas. Espera-se que os resultados dessa análise contribuam para o aprimoramento da prática de guia-interpretação, tornando-a mais acessível e eficaz para atender às necessidades específicas desse grupo, assim como aproximação do Design e a comunidade de pessoas Surdocegas, identificando processos, viabilizando futuras pesquisas, propondo adaptações no que tange à acessibilidade e à criação de produtos.

Palavras-chave: Design Inclusivo; Comunicação Háptica; Tridimensionalidade; Surdocegos.

²⁸ Email: machado.libras@gmail.com.